



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

“Eu já fui assim?”: um projeto sobre sexualidade e reprodução humana no Jardim de Infância

Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

2024, Tatiana Couceiro de Jesus



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Tatiana Couceiro de Jesus

“Eu já fui assim?": Um projeto sobre Sexualidade e Reprodução Humana no Jardim de Infância

Relatório Final em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Outubro | 2024

Agradecimentos

Na reta final desta etapa, resta-me agradecer a todas as pessoas que me acompanharam e apoiaram, de modo a tornar este percurso único e gratificante. Apesar de todos os constrangimentos e dificuldades, nada disto seria possível sem vocês.

Aos meus pais e ao meu irmão por me incentivarem a nunca desistir e a lutar pelos meus sonhos e paixões. Sem o vosso amor e apoio incondicional nada disto seria possível.

Ao meu namorado, por me acompanhar e incentivar a lutar para tonar este sonho realidade. Mesmo com todas as dificuldades sempre me apoiou e nunca me deixou desistir.

À minha orientadora, Professora Filomena Teixeira pela disponibilidade, compreensão, feedback e exigência durante estes dois anos de Mestrado.

À minha colega de estágio, Tatiana pelas horas de sono perdidas, por todo o apoio e disponibilidade em me ouvir. Mesmo com todas as lágrimas foste e serás um grande porto de abrigo.

À minha madrinha de curso, por todas as palavras de incentivo e por todo o apoio dado ao longo destes lindos cinco anos.

À educadora cooperante Raquel e à equipa educativa do jardim de infância pela oportunidade de estágio em Educação Pré-Escolar e todas as aprendizagens que me permitiram evoluir enquanto pessoa e futura educadora.

E por fim, a todas as crianças com quem tive o privilégio de contactar, pelo carinho e pelo amor que me deram todos os dias, durante os longos meses de estágio.

A todas as pessoas que se cruzaram comigo neste percurso, o meu muito obrigada.

“Eu já fui assim?”: Um projeto sobre Sexualidade e Reprodução Humana no Jardim de Infância

Resumo: O presente Relatório Final de Mestrado apresenta um projeto desenvolvida com um grupo de crianças de um Jardim de Infância de Coimbra. Contempla ainda, uma componente teórica e investigativa em torno do tema da sexualidade e reprodução Humana.

O projeto intitulada como “Eu já fui assim?” teve com principais objetivos: Identificar as semelhanças e diferenças do corpo do homem e da mulher; Conhecer as transformações do corpo da mulher na gravidez; Reconhecer o processo de reprodução humana (fecundação, gravidez e o parto). Esta proposta teve por base a metodologia de trabalho por projeto, onde foi essencial a participação ativa de todas as crianças.

Os resultados mostram que a maioria das crianças envolvidas no projeto, apesar de já terem tido contacto com a temática revelaram, no entanto, concepções sobre sexualidade e reprodução humana. Após a implementação do projeto verificou-se uma evolução, tanto a nível de conhecimentos como de atitudes relativamente ao tema. As aprendizagens das crianças foram visíveis através de conversas informais, do *feedback* dado pela educadora cooperante e pelas famílias e dos registos e ilustrações elaboradas.

Conclui-se ser fundamental a abordagem da educação em sexualidade na educação pré-escolar, de forma a sensibilizar as crianças, desde cedo, para assuntos relacionados com o seu quotidiano. Para tal, importa investir na formação inicial de educadores/as e professores/as, competindo às instituições de Ensino Superior a inclusão de Unidades Curriculares que abordem, entre outras, questões de sexualidade e educação.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade, Trabalho por Projeto, Educação Pré-Escolar, Reprodução Humana.

“Have I ever been like this?”: A project on Sexuality and Human Reproduction in Early Childhood Education

Abstract: This Master's Final Report presents a project developed with a group of children from a Kindergarten in Coimbra. It also includes a theoretical and investigative component around the topic of sexuality and human reproduction.

The project titled “Have I ever been like this?” Its main objectives were: Identify the similarities and differences between men’s and women’s bodies; Understand the transformations of a woman's body during pregnancy; Recognize the process of human reproduction (fertilization, pregnancy and childbirth). This proposal was based on the project work methodology, where the active participation of all children was essential.

The results show that the majority of children involved in the project, despite having already had contact with the topic, nevertheless revealed conceptions about sexuality and human reproduction. After implementing the project there was an evolution, both in terms of knowledge and attitudes towards the topic. The children's learning was visible through informal conversations, feedback given by the cooperating teacher and families, and the records and illustrations created.

It is concluded that the approach to sexuality education in early childhood education is fundamental, in order to sensitize children, from an early age, to issues related to their daily lives. To this end, it is important to invest in the initial training of educators and teachers, with Higher Education institutions responsible for including Curricular Units that address, among others, issues of sexuality and education.

Keywords: Sexuality Education, Project Work, Early Childhood Education, Human Reproduction.

Índice

Lista de abreviaturas.....	IX
Lista de figuras	X
Lista de Esquemas.....	XI
INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA.....	5
1. Sexualidade e educação	7
2. Mecanismos fisiológicos da reprodução humana.....	9
2.1. Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino	9
2.2. Fecundação, gravidez e parto	11
3. O papel das famílias na Educação em Sexualidade	13
4. A importância da formação docente na Educação em Sexualidade	15
5. A pertinência da Educação em Sexualidade no Jardim de Infância	16
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
1. Caracterização do grupo e do espaço	22
2. Metodologias da estratégia de intervenção	24
3. Implementação e desenvolvimento do projeto pedagógico.....	26
CAPÍTULO III – ANÁLISE DE RESULTADOS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
Apêndices.....	69

Lista de abreviaturas

APF – Associação Para o Planeamento da Família

APCC – Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra

1º CEB - 1º Ciclo do Ensino Básico

EPE – Educação Pré-Escolar

ES – Educação em Sexualidade

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OMS – Organização Mundial da Saúde

SNIPi – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

Lista de figuras

Figura 1: <i>Conversa com as crianças em pequeno grupo</i>	27
Figura 2: <i>Partilha das pesquisas realizadas pelas crianças</i>	30
Figura 3: <i>Partilha das pesquisas realizadas pelas crianças</i>	30
Figura 4: <i>Realização do desenho “Como estarei lá dentro?”</i>	31
Figura 5: <i>Realização do desenho “Como estarei lá dentro?”</i>	32
Figura 6: <i>Leitura e exploração do livro “Dicionário por imagens dos Pequeninos – O Nascimento”</i>	33
Figura 7: <i>Realização do desenho “A evolução do bebé”</i>	34
Figura 8: <i>Colagem do desenho “A evolução do bebé”</i>	34
Figura 9: <i>Divulgação do projeto “Eu já fui assim?” na sala dos Tigres</i>	38
Figura 10: <i>Divulgação do projeto “Eu já fui assim?” na sala dos Tigres</i>	38
Figura 11: <i>Construção da teia em grande grupo</i>	47
Figura 12: <i>Concepções da criança CK</i>	48
Figura 13: <i>Concepções da criança O</i>	48
Figura 14: <i>Concepções da criança V</i>	50
Figura 15: <i>Resultado final da proposta “Como estarei lá dentro?”</i>	51
Figura 16: <i>Resultado final da proposta “A evolução dos bebés”</i>	52

Lista de Esquemas

Esquema 1: Teia inicial do projeto “Eu já fui assim?” 28

Esquema 2: Respostas à questão “Quais as alterações que o corpo da mulher sofre na gravidez?” 35

Esquema 3: Teia final do projeto “Eu já fui assim?” 36

Esquema 4: Concepções das crianças sobre as diferenças entre os meninos e as meninas...
.....45

Esquema 5: Concepções das crianças sobre as diferenças entre os meninos e meninas.....
..... 46

INTRODUÇÃO

Atualmente o mundo encontra-se em mudança e por consequência a educação torna-se um desafio constante para os/as profissionais de educação, mas também para as famílias. A educação do século XXI é diferente da educação dos nossos antepassados, uma vez que as crianças são diferentes, as famílias são diferentes e por sua vez a sociedade é diferente.

O presente Relatório Final intitulado “Eu já fui assim?": um Projeto sobre Sexualidade e Reprodução Humana no Jardim de Infância, foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa I e II, que integra o plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), da Escola Superior de Educação de Coimbra. A escolha desta temática surgiu com base numa etapa da minha vida, a pré-adolescência. Durante a minha infância, a minha família e a minha educadora revelavam algum desconforto em falar sobre assuntos relacionados com a sexualidade e reprodução humana. Apesar de todas as questões colocadas, os meus pais, especialmente a minha mãe recorria a mitos (por exemplo: “Os bebés vêm de uma cegonha”;), para me explicar questões sobre o meu corpo, a adolescência, as relações sexuais, a fecundação ou até mesmo a gravidez. Estes mitos passam de geração em geração e por este motivo, muitos/as pais e mães ainda recorrem a eles para explicar assuntos relacionados com a sexualidade e reprodução humana. Esta reação por parte da minha família, e das minhas professoras fez-me querer saber o porquê da temática da educação em sexualidade ser um tabu em contexto familiar e escolar.

É evidente que ser pai, mãe ou um/a educador/a requer uma preparação específica para abordar questões ligadas a sexualidade com as crianças, o que nem sempre acontece, pelo que, se torna uma tarefa difícil e delicada. Contudo torna-se indispensável ao desenvolvimento responsável e informado de crianças e jovens consoante a fase etária das suas vidas (Afonso, s.d.). Neste sentido e no âmbito da prática educativa em que me encontrava a realizar num Jardim de Infância, em Coimbra, pensei concretizar um projeto sobre sexualidade e reprodução humana com um grupo de crianças heterogéneo (três e cinco anos de idade). Para a realização deste projeto recorri à metodologia de trabalho por projeto por se tratar de uma metodologia ativa que coloca as crianças no centro da sua aprendizagem (Vasconcelos et al., 2012). Os principais objetivos do projeto implementado foram: Identificar as semelhanças e diferenças do corpo do homem e da

mulher; Conhecer as transformações do corpo da mulher na gravidez; Reconhecer o processo de reprodução humana (fecundação, gravidez e o parto).

Assim sendo, o presente relatório está dividido em quatro tópicos principais: a revisão da literatura, os procedimentos metodológicos, a análise dos resultados e por fim as considerações finais. No primeiro tópico apresenta-se a fundamentação teórica sobre o tema da sexualidade e reprodução humana. O segundo tópico contempla o desenvolvimento da prática educativa, explicitando as questões de partida, os objetivos específicos, o desenvolvimento do projeto “Eu já fui assim?”, bem como uma reflexão onde se evidenciam as conclusões do projeto. No último tópico, que se reporta às considerações finais, é feita uma reflexão sobre o meu percurso académico, destacando pontos fortes e limitações encontradas durante este percurso.

CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA

1. Sexualidade e educação

Quando falamos em sexualidade existem diversas definições sobre o tema. Contudo todas as definições se relacionam entre si, uma vez que se referem à condição biológica, psicológica e social do ser humano (Vala, 2021). A sexualidade existe desde o início da humanidade e encontra-se presente no ser humano desde o seu nascimento à sua morte. Para a Associação para o Planeamento da Família (APF) (s.d.) a sexualidade “[...] é uma parte integrante da vida de cada indivíduo que contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico.” (p.1)

A Organização Mundial de Saúde (OMS)(2024) apresenta uma definição mais completa sobre a sexualidade, ou seja, a sexualidade é um aspeto central do ser humano que engloba o sexo, a identidade, a orientação sexual, o prazer e a reprodução. A OMS (2024) afirma ainda que “A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos” (p.1). Além disso, a sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicas, políticas, culturais, jurídicos religiosos e espirituais.

Apesar da definição estabelecida pela OMS estar mais completa Veiga, Teixeira e Couceiro (2001) afirmam que “o conceito de sexualidade abrange as vertentes biológica (enquanto seres com corpo sexuado), psicológica (identidade de género, orientação sexual, autoimagem, relações afetivo-sexuais) e social (valores, comportamentos, normas e modelos)” (p.12). A sexualidade está associada ao sentimento de ser homem ou mulher. Além disso é considerada uma forma de expressão física do amor podendo, em consequência, reforçar as relações amorosas entre os casais. Outros autores ainda definem sexualidade como uma energia que nos motiva a procurar o amor e a intimidade com o/a outro/a; que influencia os nossos pensamentos, ações e interações (Organização Mundial da Saúde, 2024; Vilar, 2008). Neste sentido, podemos concluir que a sexualidade influencia positivamente ou negativamente a nossa saúde física e mental (Pereira, 2006). Tendo em conta que a sexualidade não apresenta apenas uma dimensão reprodutiva, importa salientar a pertinência de abordar o tema desde cedo. Apesar de que nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (OCEPE) não constar explicitamente a

abordagem deste temática, é fundamental que exista a promoção da educação em sexualidade (onde se incluem os afetos), desde a primeira infância.

Para os autores do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) (2007), a educação sexual, também intitulada Educação para a sexualidade, era reconhecida como sendo “o processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual” (p.7). A educação sexual destacou-se pela sua pertinência, no que diz respeito à saúde das crianças, sendo definida como uma das áreas prioritárias. Além disso, o GTES (2007) destacava que a educação sexual, ao permitir dotar os e as jovens com capacidade e competências, possibilita-lhes, ainda, fazer escolhas seguras e informadas sobre a sua sexualidade; proteger-se de possíveis abusos sexuais ou exploração sexual; reduzir consequências negativas oriundas da sua atividade sexual; melhorar a qualidade dos seus relacionamentos. Na perspetiva de Marques et al. (2002), a educação para a sexualidade abrange várias dimensões, ou seja a dimensão biológica, a psicoafectiva, a sociocultural, a relacional e a ética. De modo a reforçar o ponto de vista de Marques et al. (2002), Frade et al. (2009) afirmam que a educação sexual engloba a “identidade sexual, o corpo e seus fenómenos biológicos, a reprodução, mas também a promoção da saúde sexual e reprodutiva, as manifestações da sexualidade e a educação para a afetividade.”(p.17)

No dizer de Cunha (2015),

A educação sexual é um processo que está intimamente articulado com a educação para a saúde e para os valores. Deste modo, não podemos descurar esta vertente no todo harmonioso que é o desenvolvimento integral da criança, não devendo o agente educativo menosprezar esta perspetiva na construção do seu projeto educativo (p.2-3).

A educação sexual é considerada um direito das crianças e de todos os seres humanos, tal como o direito de obter informação adequada sobre as suas vidas sexuais ou direito de usufruírem de recursos para viverem a sexualidade de uma forma saudável (Marques et al., 2002). Em Portugal, a Lei nº60/2009 e a Portaria nº 196-A/2010, contemplam a educação sexual ao longo da escolaridade obrigatória (do 1º CEB ao Ensino Secundário)

No entanto, tanto a referida Lei como a Portaria não incluem a sua abordagem na Educação Pré-Escolar.

“A nossa educação para a sexualidade começa formalmente quando nascemos.” (Paiva & Paiva, 2002, p. 15). Para Marques et al. (2002, p. 10), a educação sexual deverá ocorrer através da realização de atividades de caráter informativo, focando assuntos relacionados com a saúde reprodutiva, isto é, a anatomia, a fisiologia da reprodução humana, a contraceção ligada às doenças sexualmente transmissíveis. Educar para a sexualidade, deve respeitar o facto de que todos/as aprendemos e delineamos caminhos distintos e, desta forma não devemos influenciar as escolhas de cada um/a, contudo podemos mencioná-las, analisá-las e refleti-las em conjunto. Por este motivo, decidi desenvolver um projeto, com vista abordar alguns destes tópicos.

2. Mecanismos fisiológicos da reprodução humana

2.1. Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino

A sexualidade, além da dimensão do prazer, apresenta uma função biológica, ou seja, perpetuar a espécie através da reprodução. Esta surge através da interação do sistema reprodutor feminino e do sistema reprodutor masculino (Ferreira, 2018). Apesar da interação de ambos os sistemas originar um novo ser, por vezes esta interação é essencialmente um “comportamento de desejo e procura de prazer” (Veiga et al., 2001, p.19).

A continuidade da vida humana depende da reprodução. A reprodução humana é intrínseca na educação em sexualidade, daí a pertinência do conhecimento da morfologia e fisiologia do sistema reprodutor masculino e feminino. Para Veiga et al. (2001) a reprodução humana constitui “[...]um importante fator de organização e coesão sociais. O fenómeno da reprodução é marcado por práticas sexuais e socioculturais determinantes na formação da identidade dos indivíduos [...]” (p.19).

A fim de perpetuar a espécie humana, o homem produz e emite espermatozoides (células sexuais masculinas) e a mulher, os oócitos (células sexuais femininas) (Ferreira, 2018). Ambos os sistemas reprodutores possuem órgãos internos e órgãos externos.

De acordo com a Comissão para a Igualdade e para as Direitos das Mulheres (2001) o sistema reprodutor feminino é constituído por:

- Vulva: conjunto formado pelos grandes e pequenos lábios e pelo clítoris, envolvendo a entrada de dois canais, ou seja, o meato urinário (orifício por onde sai a urina) e o orifício vaginal. O clítoris é um órgão muito sensível que se encontra na junção dos pequenos lábios. Este órgão desempenha um papel importante na sexualidade feminina.
- Vagina: canal onde o pénis penetra durante as relações sexuais. É através da vagina que os bebés saem quando nascem.
- Ovários: dois órgãos que têm a função de produzir os oócitos, também denominados, óvulos. Em ciclos regulares, a mulher pode produzir um óvulo de 28 em 28 dias.
- Trompas de Falópio: canais que fazem a ligação entre os ovários e o útero. É através das trompas que o óvulo chega ao útero. Geralmente, é nas trompas que ocorre a fecundação, isto é, a junção do espermatozoide com o óvulo.
- Útero: órgão em forma de pera, oco e de paredes musculares. Este órgão apresenta uma grande capacidade de dilatação, uma vez que é nele que o embrião se desenvolve até ao nascimento. Nesta caso a camada interior das paredes do útero modifica-se, aumentando gradualmente a sua espessura.

Já o sistema reprodutor masculino é composto por:

- Pénis: no seu estado normal, apresenta uma forma cilíndrica, de pequena dimensão, mole e dirigido para baixo. No entanto tem a propriedade de poder aumentar de volume e comprimento, tornando-se duro e apontado para a frente. A isto designamos por ereção.
- Glândula: extremidade do pénis mais alargada e sensível.
- Meato urinário: orifício exterior da uretra, comum ao sistema urinário e ao sistema sexual, situado na ponta da glândula. Por este canal pode sair a urina e o esperma.

- Sulco balanoprepucial: sulco que limita a glândula na sua ligação com o corpo do pénis. Nesta zona podemos encontrar pequenas glândulas que produzem esmegma.
- Prepúcio: prega destinada a cobrir a glândula formada pela pele que cobre o corpo do pénis. Esta pode ser repuxada, uma vez que é relativamente móvel.
- Escroto: bolsa de pele grossa e enrugada, que se encontra atrás do pénis. Dentro do escroto encontramos os testículos.
- Testículos: glândulas sexuais masculinas, situadas uma de cada lado. Normalmente, o testículo esquerdo encontra-se mais abaixo que o direito. (Comissão para a Igualdade e para as Direitos das Mulheres (2001).

2.2. Fecundação, gravidez e parto

Os mecanismos da reprodução humana dizem respeito ao modelo biológico-reprodutivo da educação sexual, de modo a abordar a fecundação, a gravidez e o parto (Marques et al., 2002).

Tal como referido anteriormente, a reprodução sexuada, requer a participação do homem e da mulher, na produção de gâmetas femininos (óvulos) e masculinos (espermatozoides) (Veiga et al, 2001). Quando nos referimos ao processo reprodutivo natural, é através da relação sexual que surge a mobilização de espermatozoides para o interior da vagina. (Veiga et al, 2001). A sua união designa-se fecundação. Para Veiga et al. (2001) para que haja o processo de fecundação são necessárias “determinadas condições fisiológicas, nomeadamente a existência de espermatozoides (em quantidade e qualidade adequadas) e óvulos (em boas condições de maturação)” (p.22).

O processo de fecundação ocorre no sistema genital feminino, mais concretamente na trompa de Falópio. Os espermatozoides, que na relação sexual são lançados no fundo da vagina, podem chegar à trompa, através do útero devido à sua mobilidade (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2001). Com este processo forma-se o ovo ou zigoto, dando origem ao embrião. Segundo Moreira (2014), o ovo ou zigoto é uma “ [...] célula diploide que resulta da fecundação e que marca o início de um novo ciclo de um

novo organismo com reprodução sexuada;” Posteriormente, surge a implantação do embrião na parede uterina, isto é, o processo de nidação, dando início ao período de gestação.

Importa mencionar que, caso não ocorra a fecundação, surge a menstruação. A menstruação ou período, é uma perda de sangue que resulta da descamação da parede uterina (endométrio), isto é, da camada mais superficial do útero (SNS, 2023). Geralmente, a menstruação tem uma duração de dois a sete dias, uma vez por mês.

A gravidez é um processo que corresponde a um período, que medeia a conceção e o parto, de cerca de quarenta semanas de gestação, bem definido temporalmente (Canavarro, 2006). Durante a gravidez o organismo materno sofre uma série de adaptações e transformações fisiológicas, que garantem as condições necessárias para o crescimento e desenvolvimento do feto (Mendes, 2002). Nesta fase, a produção de hormonas, na mulher, “altera-se e, dado que a sua acção se exerce em todo o corpo através do sangue, manifestam-se, habitualmente, vários outros sintomas, entre os quais o aumento de volume dos seios, náuseas e vómitos.” (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2001, p. 21). É importante mencionar que cada gravidez é única e diferente, logo é impossível fazer comparações. Neste sentido, a gravidez deve ser um processo envolvendo duas pessoas e, por este motivo é essencial que os futuros pais e as futuras mães possam ir em conjunto às consultas, a fim de se preparem para o nascimento do bebé.

Normalmente, a gravidez encontra-se dividida em três trimestres, de três meses cada um. Contudo, atualmente, a gravidez é contabilizada por semanas. O primeiro trimestre vai da primeira à décima segunda semana, o segundo trimestre da décima terceira à vigésima quarta e o terceiro da vigésima quinta à quadragésima semana de gestação. Nos primeiros três meses o embrião forma-se totalmente inclusive o seu coração já bate. O primeiro trimestre é muito importante para a mãe, pois é nele que ocorre a perceção consciente e inconsciente da gravidez, podendo desenvolver-se uma relação mãe-bebé (Maldonado, 1986; Piedade, 2014). A partir do terceiro mês de gestação, o novo ser, já formado, começa a crescer, denominando-se feto. No sétimo mês o feto já é viável para nascer, contudo ainda precisa de muitos cuidados médicos para conseguir sobreviver (Bello,

Dolto & Schiffmann, 1984;). Ao longo da gestação o bebé respira e alimenta-se através do cordão umbilical. Para Barbosa et al. (2017) o cordão umbilical “um anexo que assegura o desenvolvimento fetal, permitindo a comunicação entre o feto e a placenta materna.” (p.41). Além disso, o cordão umbilical é formado por duas artérias e uma veia que permite as trocas gasosas e o transporte de nutrientes da mãe para o feto.

O final da gravidez caracteriza-se pelo crescimento do feto. Nos últimos meses de gestação o feto acomoda-se no útero, podendo colocar-se numa posição invertida. Por fim, após o período de gestação, surge o momento do nascimento do bebé e a expulsão dos anexos embrionários/fetais, isto é o parto (Martins et al., 2012). Este pode acontecer de forma natural ou por cesariana. Com base na OMS, Pinheiro et al. (2012), caracterizam o parto normal como um:

Parto de início espontâneo, de baixo risco no início, mantendo-se assim até ao nascimento. A criança nasce espontaneamente, em apresentação cefálica de vértice, entre 37 e as 42 semanas completas de gravidez. Depois do parto a mãe e o bebé apresentam-se em boa condição (p.18).

O parto é desencadeado pelas contrações dos músculos da parede do útero originando a dilatação do colo do útero e a rotura da zona inferior do saco. Posteriormente, surge a descida da cabeça do bebé e de seguida o restante corpo. Quando a cabeça do bebé não consegue passar pela bacia da mãe ou quando o bebé corre perigo de vida é necessário recorrer ao parto por cesariana. Neste sentido, é necessário extrair o bebé com recurso a uma intervenção cirúrgica, sendo feito um corte parede do abdómen até ao útero (Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2001).

3. O papel das famílias na Educação em Sexualidade

As famílias são o primeiro contexto em que existe a partilha, mas também o veicular de ideias e de valores essenciais à vida. As famílias são assim um dos agentes responsáveis pela educação em sexualidade. Estar informado sobre sexo, sobre sexualidade ou sobre saúde sexual e reprodutiva é um direito de todos/as (APF, s.d.) A educação sexual que se

realiza em contexto familiar é um processo lento e exigente, que ocorre ao longo da vida, mas que deve ser baseado na responsabilidade, no respeito, na tolerância, na assertividade, com vista à satisfação pessoal e relacional de ambos os intervenientes (Carvalho, 2008).

A temática da educação em sexualidade, em contexto familiar, ainda é considerada um tabu. “Ao tabu foi sendo contraposta a ideia de falar de sexualidade, do esclarecimento, da educação sexual nos vários espaços de socialização de crianças e jovens, nomeadamente nas famílias e nas escolas” (Marques, Vilar & Forreta, 2002, p. 17). No entanto, Berge (1973) admite que a família ao recusar-se a responder a questões sobre este assunto pressupõe que o tema em questão se confunda como algo mau na vida das crianças. O tema da educação sexual, deve ser tratado e abordado, como qualquer outro tema, ou seja, com base na verdade e na lealdade (Berge, 1973).

Atualmente as crianças e os/as jovens são expostos/as a aspetos relacionados com a sexualidade, sobretudo nos media, muito mais cedo do que os/as nossos/as pais/mães e por este motivo, “O que nos é pedido, concretamente ao nível da educação para a sexualidade, é tentar fazer melhor do que os nossos pais fizeram connosco” (Paiva & Paiva, 2002, p. 15). Importa referir que “A geração que hoje educa, ainda que crescendo em liberdade, foi pouco educada nas questões relacionadas com a sexualidade” (Paiva & Paiva, 2002, p. 43). Neste sentido é essencial que os pais e as mães pensem e reflitam sobre as suas atitudes e comportamentos, pois apresentam grandes efeitos nos comportamentos das crianças. Para muitas famílias falar sobre sexualidade acreditam que aumenta a vontade das crianças e jovens iniciar a sua atividade sexual. Contudo, Afonso (s.d.) afirma que a educação sexual deve começar desde cedo, uma vez que “está comprovado que não aumenta o risco de atividade sexual mais cedo e diminui os comportamentos de risco” (p.1). Este autor ainda menciona que:

Os pais devem abordar estes assuntos desde essa altura, sem receio que possam ferir ou que possa encorajar a atividade sexual dos seus filhos porque, de facto, as crianças e os adolescentes tomam melhores

decisões quando têm toda a informação que precisam e se sentem confortáveis a conversar e por dúvidas (p.1).

Segundo Anastácio (2010), os/as pais/mães apresentam uma grande insegurança e embaraço em abordar questões relacionadas com a sexualidade. Desta forma, é importante que haja a promoção de relações positivas entre as famílias e as instituições de ensino, de modo a proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento das crianças. Uma das alternativas a esta insegurança e desconforto por parte das famílias passa por desenvolver projetos, sessões de esclarecimento e formações sobre o tema. Isto permite que as famílias criem estratégias diversificadas para esclarecer as dúvidas e curiosidades das crianças.

4. A importância da formação docente na Educação em Sexualidade

Os/As educadores/as de Infância desempenham um papel fulcral na educação das crianças, tendo influência no seu desenvolvimento e conseqüentemente na sua aprendizagem. Atualmente existe uma maior preocupação das escolas, no que diz respeito à educação em sexualidade, representando esta um desafio para a maioria dos/as educadores/as. Importa perceber quais os fatores que influenciam este receio e esta negação (Ferreira, 2023). Contudo, se compete às escolas a educação em sexualidade, são necessários profissionais possuidores de competências científicas, metodológicas e relacionais. Para tal requer-se que as instituições de formação de professores/as alarguem a sua oferta formativa, de modo que os/as futuros/as educadores/as e professores/as sejam capazes de dar resposta às dúvidas e curiosidades das crianças. (Teixeira & Marques, 2012).

Para Alves et al. (2001, Ferreira, 2023) é necessário ter em consideração três fatores quando nos referimos à educação em sexualidade: quem ensina, o que ensina e para quem ensina. Além disso, os tipos de instituições, os projetos pedagógicos, as forças políticas, os currículos, os manuais e os recursos disponíveis podem ser vistos como uma condicionante para a implementação da educação em sexualidade pelos/as educadores/as (Ferreira, 2023). Contudo, Afonso (s.d.) refere que existem muitos livros

que podem ajudar os educadores e as educadoras, a encontrar estratégias para dar resposta as questões das crianças sobre a sexualidade.

Um dos obstáculos à implementação da educação em sexualidade nas escolas é sobretudo a disponibilidade dos/as professores/as na sua abordagem. Os/As professores/as tem dúvidas, sentem-se desconfortáveis e têm dificuldade em abordar e responder às questões das crianças sobre a sexualidade (Noh & Bakar, 2023). Segundo a APF (2000), para que os/as professores/as possam desenvolver ações de educação em sexualidade é desejável que se preocupem com o bem-estar físico e psicológico das crianças, que aceitem e respeitem a sua sexualidade e que trabalhem colaborativamente com as famílias e outros profissionais, de modo a dar uma melhor resposta a questões que não dominem. Neste sentido, mesmo que os/as educadores/as sigam as orientações definidas pelas instituições, deverão ser capazes de adaptar os temas ao seu grupo de crianças, de modo a ter certeza que todas as crianças aprendem.

Um dos fatores que influenciam o empenho e a motivação dos/as professores/as para abordar assuntos relacionados com a educação em sexualidade é, para Belo (2012), a cooperação com as famílias e comunidade escolar. Para que este processo seja vantajoso, importa que todos os intervenientes tenham consciência da relevância e premência da educação em sexualidade nas escolas.

5. A pertinência da Educação em Sexualidade no Jardim de Infância

A educação em sexualidade é um tema desvalorizado e negado na Educação Pré-Escolar. Contudo as OCEPE sublinham a sua pertinência e integram-na na vertente da educação para a cidadania. O tema da educação em sexualidade deve ser abordado no currículo da educação de infância como um tema transversal (tal como a educação para a saúde), o que irá permitir esclarecer dúvidas e desconstruir estereótipos discriminatórios presentes no quotidiano das crianças (Cortesão et al., 2005).

A educação é um processo construtivo que compreende diversas vertentes, que se entrecruzam e se tocam, cada uma com um rumo próprio e uma meta particular (Silva et

al., 2010; Parente et al. 2017). A primeira infância é considerada um período favorável para educar as crianças, sobretudo com temas como a sexualidade, uma vez que é nestas idades que manifestam curiosidade sobre aspetos do dia-a-dia. Quando os/as educadores/as respondem aos gestos e às curiosidades das crianças, estas começam a controlar as suas emoções e a estruturar os seus pensamentos e comportamentos (Wieder & Greenspan, 2002). É neste contexto que os/as educadores/as devem proporcionar momentos em que as crianças possam descobrir o seu próprio corpo, a sua importância e o respeito por ele. Para Berge (1973) a Educação não deve apenas guiar a criança, mas sim fazer dela um ser racional e autónomo. Por este motivo, deturpar a verdade sobre questões de carácter sexual torna as crianças seres cognitivamente incapazes de compreender as noções da sua própria existência.

A educação em sexualidade deve começar desde cedo, ou seja, a partir do jardim de infância, dado que é neste período que as crianças apresentam comportamentos exploratórios do seu corpo. Para alguns autores as crianças manifestam comportamentos característicos da curiosidade infantil, como por exemplo tocar nos próprios genitais, tocar nas mamas da mãe, brincar aos pais e às mães e até mesmo colocar questões sobre sexualidade. Desta forma, podemos verificar que este período é propício para desenvolver a educação em sexualidade nas crianças.

Re (2007, como citado em Cunha, 2015) destaca quatro áreas referentes à educação em sexualidade que devem incidir na educação Pré-Escolar: a valorização e o conhecimento do corpo, as relações interpessoais, a identidade sexual e a reprodução humano. Neste sentido é crucial que os/as educadores/as desencadeiem uma procura de resposta simples e clara face às questões das crianças. No mesmo seguimento, Tambi (2010, como citado em Noh & Bakar, 2023) especificam que a educação em sexualidade é essencial ser adotada desde a infância para fornecer informações e construir valores, habilidades interpessoais e responsabilidade. As crianças que não são informadas sobre a educação em sexualidade, nas escolas, tornam-se mais vulneráveis ao abuso e à exploração (Raphael, 2015; Noh & Bakar, 2023).

Tendo em conta a flexibilidade existente na educação Pré-Escolar, os/as educadores/as devem desenvolver projetos cujo as temáticas sejam diversificadas, interdisciplinares e

inovadoras, como é o caso da sexualidade e dos afetos. Importa que estes projetos sejam pensados e refletidos em equipa, pois muitos dos receios ou dúvidas são comuns e, ao serem partilhados, podem ser mais facilmente ultrapassados (Frade et al., 2009).

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. Caracterização do grupo e do espaço

O projeto “Eu já fui assim!” foi implementado num Jardim de Infância em Coimbra, que pretende desenvolver a sua atividade no âmbito da prestação de serviços de apoio à infância. A instituição foi inaugurada em 1973 e, desde então, as instalações continuam as mesmas, funcionando numa moradia centenária com quatro pisos adaptados para o efeito. Tendo como premissa o bem-estar e a segurança das crianças são realizadas intervenções nas instalações com a finalidade de melhorar e diversificar o espaço.

O grupo que participou no projeto foi um grupo heterogéneo composto por dezanove crianças, com idades compreendidas entre os três e seis anos. No grupo existem dez crianças do sexo feminino e nove crianças do sexo masculino. Existem duas crianças com Necessidades Educativas Específicas, sendo que uma delas está sinalizada pelo SNIP e é acompanhada pela APCC. Esta heterogeneidade de idades permite uma maior entreeajuda e cooperação entre todas o que facilita a elaboração deste tipo de projetos. A nível afetivo e social o grupo é bem-disposto, expressivo, comunicativo, muito afetuoso e prestável, sobretudo com as crianças que necessitam de um acompanhamento mais individualizado. Além disto, é um grupo interessado e curioso, sempre aberto à descoberta e a novos conhecimentos.

Relativamente ao espaço da sala, este encontrava-se organizado pelas seguintes zonas. (Apêndice 1)

- **Ateliê:** este espaço era composto por duas mesas com cadeiras, uma estante com diversos materiais variados de pintura (folhas, canetas, lápis, aguarelas) de fácil acesso às crianças e um cavalete. Esta era uma das áreas requisitadas, maioritariamente, por crianças mais novas. Este espaço era ocupado pelas crianças quando queriam fazer desenhos livres ou em propostas relacionadas com os diversos projetos. As crianças tinham liberdade para escolher os materiais que queriam usar, contudo o uso do lápis de cor era evidenciado pela educadora numa perspetiva de desenvolvimento da motricidade fina.
- **Zona da “casinha” ou do “faz de conta”:** nesta zona existia um cesto com diversas roupas e adereços, uma cozinha, utensílios de cozinha, uma mesa, e outros objetos relacionadas com a vida doméstica. Através da exploração

desta zona, a criança “(...) cria diversas situações imaginárias, representa personagens, (...), transforma o ambiente de acordo com a atividade” (Souza, s.d, como citado em Fontes, 2020, p.16). Por este motivo, esta era uma zona requisitada pelas crianças, onde davam “asas” à sua imaginação para criar histórias e “encarnar” as personagens, de acordo com as roupas e adereços disponíveis.

- **Zona de leitura:** existia um sofá e uma estante com diversos livros, com temas distintos. Esta zona era bastante valorizada pela educadora, uma vez que “ler vale ouro, desenvolve a linguagem e estimula a imaginação” (Athayde, s.d.)
- **Zona das construções e Zona de Acolhimento:** Nesta zona existia um móvel de acesso fácil às crianças com alguns elementos de construção (legos, formas geométricas, entre outros). Tinha ainda um tapete e almofadas, onde as crianças faziam as suas construções. Quando a educadora queria dialogar com as crianças, era este espaço que utilizava.
- **Zona de jogos de mesa:** Nesta zona existia uma mesa com cadeiras e uma estante com diversos jogos, entre eles, puzzles, jogos matemáticos, jogos de pesca, jogos de correspondência, entre outros

A organização do espaço não era estática, uma vez que era alterada consoante o grupo de crianças, bem como os seus interesses e necessidades. Neste sentido, Silva et al. (2016) afirmam que:

Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a sua organização condicionam o modo como esses espaços e materiais são utilizados enquanto recursos para o desenvolvimento das aprendizagens. A organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização. (p.26)

2. Metodologias da estratégia de intervenção

O processo educativo do jardim e infância tem por base as OCEPE, centrando-se nos interesses e necessidades das crianças. Relativamente às metodologias o Jardim de Infância não apresentava nenhuma em concreto, tendo optado por seguir uma abordagem própria, inspirada em pedagogias sócio construtivistas (como a abordagem Reggio Emília e a Pedagogia Participativa), assentando em nove premissas: Metodologia de Projeto, Currículo emergente, Desenvolvimento representativo, Educadores como Investigadores, Espaço Exterior, Atelier, Portefólio, Trabalho de equipa e documentação. Além disso, na instituição a interdisciplinaridade é considerada fundamental na construção e na gestão do currículo que valoriza a criança como coconstrutora do seu conhecimento e aprendizagens.

Neste sentido, a presente intervenção foi pensada e idealizada com base nas pedagogias e nas premissas da instituição. Contudo destaco a metodologia de trabalho por projeto, uma vez que foi crucial em todas as fases de implementação do projeto. Considero que esta metodologia é a resposta que melhor prepara as crianças para o mundo profissional, uma vez que valoriza a individualidade de cada uma, e simultaneamente o trabalho colaborativo (Vasconcelos et al., 2012). Vasconcelos et al. (2011) refere que o trabalho por projeto “contribui para que as aprendizagens tenham um significado, sejam portadoras de sentido, envolvendo as crianças (ou os adultos) na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas. (p.9)” Apesar da Metodologia de Trabalho por Projeto requerer trabalho e disponibilidade é uma metodologia rica e eficaz, uma vez que permite encontrar respostas adequadas às questões das crianças. Isto porque o trabalho por projeto pode ser considerado uma abordagem pedagógica centrada em problemas e questões que as crianças queiram ver resolvidas. Este tipo de trabalho demonstra uma perspetiva socio construtivista em que o saber é gerado com a prática (Ferreira, 2017)

Apesar de alguns autores afirmarem a existência de cinco fases do trabalho por projeto, Vasconcelos et al. (2012, p.17) apenas destacam quatro:

- **Fase I – Definição do Problema:** Define-se o problema através de questões de partida com base nos interesses e saberes das crianças. Com isto, percebe-

se o que já sabem e o que precisam de saber e com a ajuda do adulto pode-se construir uma “teia inicial”.

- **Fase II – Planificação e desenvolvimento do trabalho:** Elaboram-se mapas, teias ou redes como linhas orientadoras da pesquisa. Define-se o que se vai fazer, por onde se começa e qual a melhor maneira de se fazer. Ainda nesta fase são divididas tarefas e organizam-se a nível temporal.
- **Fase III – Execução:** Início do processo de pesquisas através de experiências diretas, de modo a preparar aquilo que querem saber, organizam, selecionam e registam a informação recolhida.
- **Fase IV – Divulgação e avaliação do projeto:** Partilham-se os resultados obtidos, “avalia-se o trabalho, a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entreaajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas”. A partir daqui podem surgir novas ideias de projetos.

Tendo por base estas orientações, a intervenção seguiu as quatro fases do trabalho por projeto destacados/as pelos/as autores/as acima mencionados. Estas fases articulam-se e geram conhecimento, capacidade de imaginação, autonomia, participação e previsão.

A observação e a escuta atenta das crianças também foram cruciais no desenvolvimento de todo o projeto. Isto porque, para além de ser uma das premissas da instituição considero que se as propostas assentarem nos interesses e curiosidades das crianças, o seu processo torna-se mais apelativo e interessante. Outras das premissas valorizadas foram, sobretudo, a pedagogia participativa e a documentação pedagógica. É importante destacar que, para que os projetos apresentem significado para quem neles participa, é essencial dar espaço às crianças e aos seus saberes, de modo a que sejam autores/as dos seus próprios conhecimentos e aprendizagens. Quando tal acontece, a criança “é vista como sendo um ser competente e capaz, bem como um investigador determinado para realizar pesquisas” (Pereira, 2014, p.18). Relativamente à documentação pedagógica, esta “(...) permite recolher todas as evidências do processo de desenvolvimento de um projecto e, simultaneamente, devolve-nos, em espelho, o conjunto de aprendizagens realizadas pelas crianças” (Vasconcelos et al., 2011, p.17). Neste sentido, desde o início da intervenção, foi crucial expor todas as fases do projeto de modo que as famílias o

pudessem acompanhar, mas também e sobretudo ter sido gratificante para as crianças observar e refletir sobre as suas próprias aprendizagens.

3. Implementação e desenvolvimento do projeto pedagógico

a. Situação desencadeadora

O projeto surgiu da curiosidade de algumas crianças, uma vez que uma delas estava à espera de um irmão e falava constantemente sobre o assunto. Enquanto conversavam mencionavam algumas das transformações que o corpo da mãe sofria quando estava grávida, inclusive que a mulher deixava de ter menstruação. Após algumas conversas informais, no exterior, surgiram questões relacionadas com a temática que sempre idealizei explorar com crianças desta idade. Senti que era a altura ideal para iniciar o projeto. A curiosidade das crianças manifestou-se desde o início até ao final da proposta, facilitando todo o processo de descoberta e a aprendizagem de ambos/as os/as intervenientes.

b. Áreas de conteúdo com maior incidência

A Metodologia de Trabalho por Projeto está “relacionada com uma visão interdisciplinar e transdisciplinar do saber.” (Mateus, 2011, p.5). No decorrer do projeto, todas as áreas de conteúdo referidas nas OCEPE foram exploradas, quer de forma direta, quer de forma indireta. Contudo, as áreas com maior incidência foram a área da Formação Pessoal e Social, a do Conhecimento do Mundo e a área da Expressão e Comunicação (os domínios da Expressão Plástica e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita) (OCEPE, 2016).

c. Objetivos do projeto

Este projeto teve como objetivos:

- Identificar as semelhanças e diferenças do corpo do homem e da mulher;
- Conhecer as transformações do corpo da mulher na gravidez;
- Reconhecer o processo de reprodução humana (fecundação, gravidez e o parto);

d. 1ª Fase – Definição do problema

Inicialmente, houve a necessidade de esclarecer algumas dúvidas-acerca das diferenças entre os meninos e as meninas. Neste sentido, antes de definirmos a questão problema foi realizada uma chuva de ideias, com base nas concepções das crianças, sobre a temática. Para esta proposta decidi dividir o grupo em pequenos grupos, de modo a facilitar a organização e gestão da sala. Além disso tornou-se mais vantajoso para as crianças, uma vez que todas conseguiram dar a sua opinião. Após questionar as crianças sobre as diferenças entre os meninos e as meninas, surgiram respostas variadas.

Figura 1

Conversa com as crianças em pequeno grupo



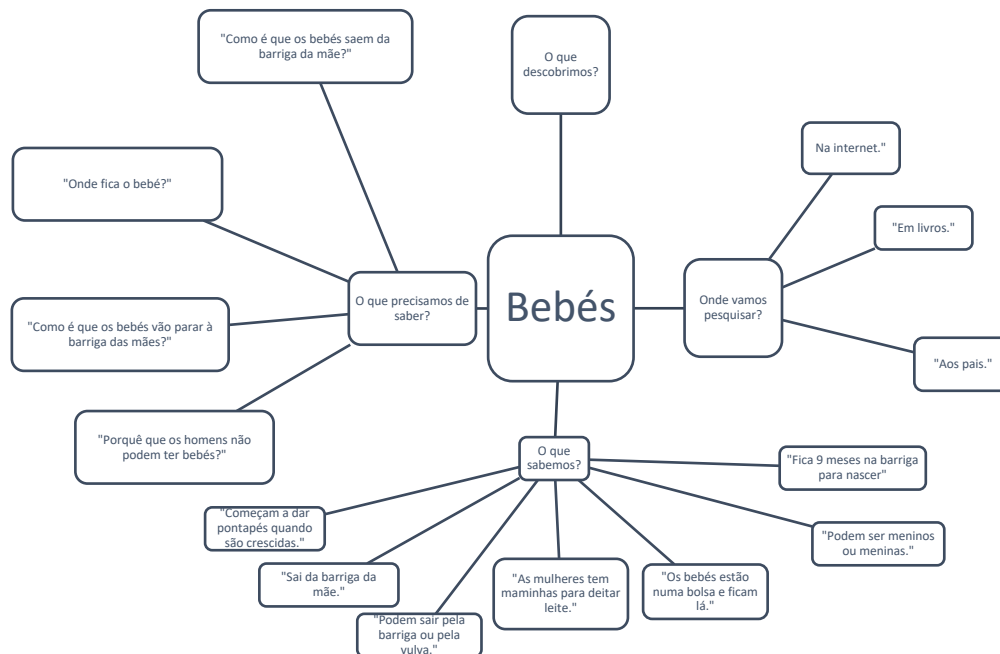
De seguida realizei uma escuta atenta das crianças e verifiquei que seria interessante direcionar o projeto para a reprodução, fecundação e gestação, de modo a responder a questões do tipo: *Como é que os bebés vão parar à barriga das mães? Como é que os bebés estão dentro da barriga das mães? Como é que os bebés saem da barriga das mães?* Tendo em conta que surgiram algumas questões tornou-se difícil destacar apenas uma para servir como questão-problema. Por este motivo utilizámos as questões delineadas acima como ponto de partida para iniciar o nosso projeto.

e. 2ª Fase - Planificação e desenvolvimento do trabalho

Com as questões de partida definidas, decidi questionar as crianças sobre o que elas pensavam saber, o que queriam saber e por fim o que iriam fazer para responder às suas questões sobre o tema. Surgiu então a seguinte teia:

Esquema 1

Teia Inicial do Projeto “Eu já fui assim”



Nota: fonte própria

f. 3ª Fase – Execução

De modo a perceber as concepções das crianças incentivei-as a realizarem desenhos a respeito do que pensavam sobre *“Como é que os bebés vão parar à barriga das mães.”* As produções elaboradas evidenciaram que as crianças possuíam concepções que se afastavam do saber científico aceite. Assim, uma vez que a maioria não apresentava grandes conhecimentos sobre a problemática decidimos que seria importante pesquisar sobre ela.

Para estas pesquisas pedi às crianças que, em casa, com ajuda das famílias pudessem encontrar respostas para as questões que tínhamos vindo a falar. Como nem todas as crianças trouxeram, decidi dedicar um momento para que pudéssemos, em pequenos grupos, pesquisar o assunto. Com as pesquisas feitas e com os livros trazidos, tanto pelas crianças como por mim, procurámos aprofundar temáticas relacionadas com as seguintes questões (algumas das quais surgiram no momento da pesquisa):

- *Como é que o bebé vai parar à barriga das mães? (C.)*
- *Onde fica o bebé? (M.)*
- *Porque é que a barriga da mãe cresce muito? (O.)*
- *Como é que os bebés comem? (V.)*
- *Como é que os bebés saem da barriga das mães (E.)*

Posteriormente, em grande grupo, sugeri às crianças que haviam trazido as pesquisas de casa, a partilha das suas descobertas com o restante grupo, para que pudéssemos refletir e aprender em simultâneo. Com o intuito de perceber se as concepções das crianças tinham sido alteradas questionei-as, novamente, sobre *“Como é que os/as bebés vão parar à barriga das mães?”* e pedi que fizessem uma ilustração.

Figura 2

Partilha das pesquisas realizadas pelas crianças



Figura 3

Partilha das pesquisas realizadas pelas crianças



Após as pesquisas realizadas as crianças manifestaram vontade de querer saber mais. Foi sugerido que construíssemos um desenho em grande escala onde conseguíssemos representar o local onde se encontra o bebé. Para auxiliar este processo pesquisámos na internet e observámos alguns livros. Durante o decorrer do projeto, as crianças foram sempre a minha prioridade. Decidimos intitular o nosso desenho *“Como estarei lá dentro?”*, pois foi a pergunta mais frequente nos momentos de grande grupo. Foi-lhes dada a oportunidade de se expressar, de comunicar e de participar em todos os momentos propostos. Saliento também que nem todas quiseram realizar as mesmas propostas, ou seja, as crianças escolhiam aquelas que lhes fazia mais sentido. Este acontecimento permitiu que houvesse uma maior partilha de informações quando realizávamos as conversas em grande grupo. Numa destas conversas foi sugerido que a mãe da CK, que estava grávida pudesse visitar-nos para que esclarecêssemos algumas questões. Contudo, foi impossível a sua presença, uma vez que se encontrava na maternidade.

Figura 4

Realização do desenho “Como estarei lá dentro?”



Figura 5

Realização do desenho “Como estarei lá dentro?”



Numa das manhãs uma das crianças chegou à instituição com um livro (*“Dicionário Por Imagens dos Pequenos – O nascimento”* - Fleurus) sobre a gravidez e o período de

gestação da mulher. Foi uma oportunidade de explorar o livro em grande grupo. Durante a leitura da história surgiram questões que o grupo quis desvendar: *O bebé é sempre do mesmo tamanho?* (D.) *Quanto tempo fica o bebé dentro da barriga da mãe?* (M.). Com base na história lida as crianças demonstraram interesse em saber mais sobre a evolução dos bebés dentro da barriga da mãe. Para tal, decidimos criar um friso cronológico.

Figura 6

Leitura e exploração do livro “Dicionário Por Imagens dos Pequenininos – O nascimento”



Primeiramente, pesquisámos na internet e em livros algumas imagens de suporte para que, posteriormente se pudesse realizar o friso cronológico através de grafismos. Para que todos pudessem participar, algumas crianças desenharam, outras legendaram e outras colaram o respetivo desenho.

Figura 7

Realização do desenho “A evolução do bebé”



Figura 8

Colagem do desenho “A evolução do bebé”



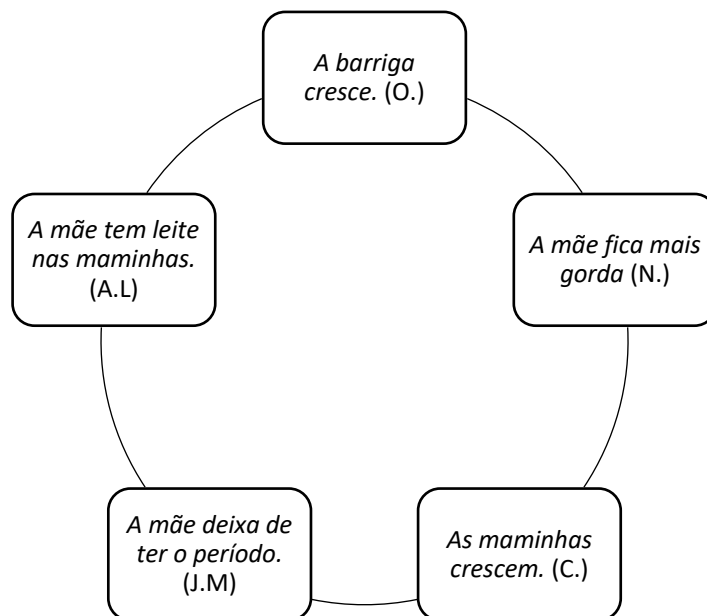
Nesta fase ainda não tínhamos chegado a um consenso sobre o nome que íamos intitular o nosso projeto. Posteriormente, de modo a sistematizar algumas das informações anteriormente abordadas, as crianças visionaram um vídeo sobre a fecundação, intitulado por “From fertilization to childbirth” (<https://www.youtube.com/watch?v=s->

[Xpa5UZAzs&t=13s&pp=ygUn4oCcRnJvbSBmZXJ0aWxpemF0aW9uIHRvIGNoaWxkYmlydGjigJ0g](#)).

Após este visionamento iniciei um pequena discussão com o grupo, tendo surgido a seguinte questão “*Eu já fui assim?*” (D.). Uma vez que o grupo manifestou algum interesse na questão, decidi questionar as crianças sobre possíveis nomes para o projeto. Decidimos então, por unanimidade que seria um bom nome para darmos ao nosso projeto. Havia ainda uma questão que não tinha sido resolvida, a saber, “*Quais as alterações que o corpo da mulher sofre na gravidez?*” Neste sentido aproveitei que o grupo estava reunido e questionei-os sobre esta questão. Surgiram diversas respostas como podemos ver no seguinte esquema:

Esquema 2

Respostas à questão “*Quais as alterações que o corpo da mulher sofre na gravidez?*”

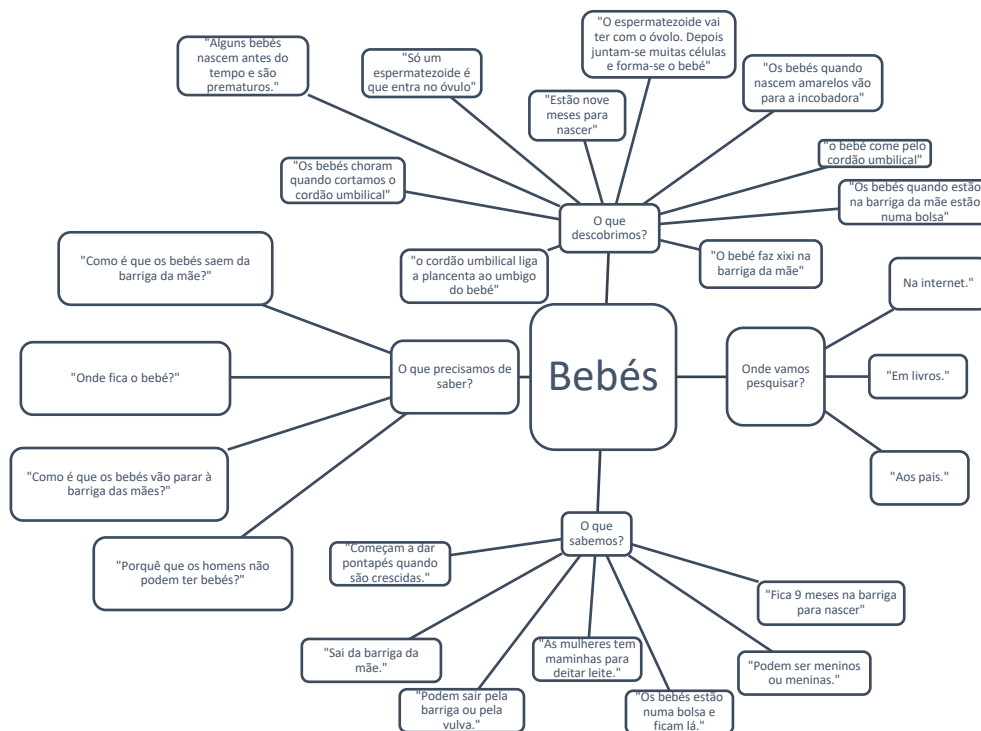


Nota: fonte própria

Na última sessão retomámos a nossa teia inicial e concluímo-la com o que aprendemos ao longo do projeto. Tornou-se bastante enriquecedor, para mim e para as crianças, pois nela compilámos as aprendizagens feitas.

Esquema 3

Teia final do projeto “Eu já fui assim?”



Nota: fonte própria

g. 4ª Fase – Divulgação e Avaliação

A divulgação é a última fase da metodologia de trabalho por projeto (Vasconcelos et al. 2012). Ao longo do projeto, todos os trabalhos, pesquisas e desenhos foram expostos na sala, para que as crianças de outras salas, famílias e equipa educativa, pudessem

acompanhar o seu desenvolvimento. Com o fim do projeto surgiu a questão *“Como vamos partilhar o nosso projeto com as pessoas que mais gostamos?”*. A esta questão houve algumas respostas: *“com fotografias”* (V); *“uma exposição”* (F.M.); *“um vídeo”* (A.N.) e *“um postal”* (M). Propus, então, uma votação, de modo a perceber a preferência do grupo. Em resultado da auscultação, decidimos divulgar o projeto *“Eu já fui assim?”* de duas formas, através de uma exposição na sala dos *“Tigres”* e de um vídeo para as famílias. Para a exposição utilizei um espaço na sala, onde o projeto era apresentado, dividido por fases, de modo que, quem o visse percebesse como tinha ocorrido o processo de aprendizagem das crianças. Importa mencionar que recorri à documentação pedagógica (Apêndice 3) para documentar o projeto, de forma simples, mas perceptível a quem o lesse. Relativamente ao vídeo decidi contemplar as fases mais gratificantes e enriquecedoras das crianças, para que as famílias que não se deslocaram à instituição pudessem acompanhar o trabalho desenvolvido. A fim de facilitar o acesso às famílias, criei, ainda, um *QR Code* (Apêndice 4) que lhes foi enviado e que esteve exposto na sala, para quem o quisesse visualizar.

A avaliação deve ser considerada uma parte integrante de toda a prática educativa. Por este motivo realizei uma observação atenta e utilizei o diário de bordo para registar as observações e comentários das crianças ao longo das propostas realizadas. Este tipo de avaliação permitiu-me recolher informações e posteriormente refletir sobre as aprendizagens realizadas pelas crianças. Para além disso, no final do projeto elaborei um pequeno documento onde as crianças se exprimiram e responderam a questões do tipo: *O que mais gostaram do projeto? O que menos gostaram do projeto? O que aprenderam, ao longo do projeto?* (Apêndice 5)

Figura 9

Divulgação do Projeto “Eu já fui assim?” na sala dos Tigres.



Figura 10

Divulgação do Projeto "Eu já fui assim?" na sala dos Tigres.



h. Reflexão

Ao refletir sobre o projeto *“Eu já fui assim?”*, não posso deixar de destacar as inúmeras aprendizagens que ocorreram nos seus intervenientes (crianças e estagiária). Apesar de todas as dificuldades sentidas considero que foi um projeto que me enriqueceu bastante enquanto futura profissional de educação. Dado ter sido a primeira vez que implementei a metodologia de trabalho por projeto, foi necessário realizar várias pesquisas, de forma a perceber quais as características essenciais desta metodologia.

Numa fase inicial, tive muitos receios e dúvidas pois não sabia se seria capaz de implementar um projeto com base nesta metodologia, uma vez que, aqui tudo era incerto e poderia, a qualquer momento levar outro rumo. A minha inexperiência não me permitia estar confortável, uma vez que eu não dominava a temática. Contudo, fui percebendo que apesar de um/a educador/a dever dominar vários conhecimentos, de modo a promover uma intervenção de qualidade junto das crianças, não tem de saber tudo. No dizer de Katz et al. (1998), *“O educador é o companheiro mais experimentado, o guia, mas que também parte com a criança à descoberta”* (p. 145).

Tendo em consideração as premissas da instituição, é possível identificar que algumas delas foram evidenciadas no decorrer do projeto. Exemplo disso, é a pedagogia participativa, no sentido em que, ouvi, escutei e observei os interesses das crianças no decorrer do projeto, até porque *“Estar atento/a e escutar as crianças, ao longo dos vários momentos do dia, permite ao/à educador/a perceber os seus interesses”* (Silva et al., 2016, p.24). Além disso, *“As crianças gostam de conhecer as coisas, ser ouvidas e de ir à procura do conhecimento”* (Neto, 2022, p.143). Também se encontra evidenciado a documentação pedagógica, uma vez que desde o início do projeto, documentei todo processo de aprendizagem das crianças, de forma a que fosse mais vantajoso para as reflexões conjuntas.

Relativamente ao projeto, inicialmente senti bastante receio em abordar o tema da sexualidade e da reprodução humana por ser um tema delicado para a maioria dos/as educadores/as e famílias. No entanto a abertura da educadora cooperante e das famílias fizeram com que este projeto se desenvolvesse. Tal como foi referido anteriormente, existiram momentos onde o grupo esteve dividido em grupos mais pequenos e outros

momentos onde o grupo esteve todo reunido. Quando chamava as crianças para o projeto, fazia questão de as questionar sobre o seu interesse em realizar determinadas propostas. Optei por esta estratégia porque as crianças manifestam gostos e interesses distintos, logo o que faz sentido para uma criança pode não fazer para outra. Na escolha dos grupos tentava sempre escolher crianças mais novas com crianças mais velhas e/ou crianças mais tímidas com crianças mais expressivas. Esta estratégia resultou muito bem, uma vez que as crianças mais expressivas acabaram por influenciar e incentivar as mais retraídas, existindo assim uma evolução por parte das crianças mais tímidas. Deste modo, é possível afirmar que “Trabalhar em grupos constituídos por crianças com diversas idades ou em momentos diferentes de desenvolvimento permite que as ideias de uns influenciem as dos outros” (Silva et al., 2016, p.25). Ao longo do projeto tentei dar resposta às questões e às curiosidades do grupo sobre a temática, de forma simples, mas recorrendo sempre à terminologia correta. Isto verificou-se na avaliação quando questionei as crianças sobre o que aprenderam e o que mais gostaram do projeto.

Importa salientar que para além de atender às necessidades e questões das crianças, foi importante ouvir o *feedback* dado pelos/as pais/mães e encarregados/as de educação durante todas as fases do projeto. A maioria das vezes as crianças falavam do que faziam e do que mais gostavam de fazer na escola às suas famílias pedindo-lhes que levassem livros, imagens ou pesquisas sobre o tema da sexualidade e reprodução humana. Isto significa que o projeto era do seu interesse e lhes trazia significado. Algumas famílias conversavam e partilhavam comigo, quando iam ao Jardim de Infância, comentários ou afirmações que os/as seus filhos/as faziam, em casa durante as refeições, sobre as propostas realizadas. Todo este *feedback* dado pelas famílias e pelas crianças mostrou que apesar das dificuldades sentidas foi um projeto bastante enriquecedor.

Agora que “olho” para o projeto faria algumas coisas de forma diferente. Apesar de ter sido de curta duração, as produções realizadas pelas crianças, respeitaram os seus ritmos, interesses e necessidades. Se este projeto fosse implementado hoje, teria convidado pais/mães, familiares ou pessoas ligadas à área da saúde, de forma a promover momentos de partilha e de discussão sobre o tema. Uma das dificuldades sentidas foi, sobretudo, a falta de apoio durante as fases do projeto, dado que na instituição existiam diversos

projetos a decorrer ao mesmo tempo. O facto de estar sozinha na sala com as crianças dificultou os registos fotográficos e afetou a gestão do tempo e a gestão do grupo.

Fazendo uma retrospectiva do projeto, considero que este acabou por me surpreender, pelos caminhos que foi seguindo e pelo entusiasmo das crianças no decorrer do processo. Considero que este projeto poderia ter tido continuidade, tendo em conta as questões e os interesses das crianças sobre o tema. Além disso este projeto fomentou o desenvolvimento de competências e de atitudes como por exemplo o espírito crítico e a cooperação. Todas estas competências e atitudes são “importantes para o desenvolvimento futuro das crianças” (Vasconcelos, 2011, p. 35).

Termino esta reflexão com uma frase de Carlos Neto que me acompanhou no decorrer do projeto: “Brincar e aprender são duas expressões que devem caminhar juntas no processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar” (Neto, 2020, p.159). É a brincar que as crianças observam, exploram e constroem aprendizagens significativas para a sua vida.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE RESULTADOS

No início do projeto pude constatar que o grupo já tinha alguma noção sobre sexualidade e reprodução humana. Na primeira proposta realizada, senti que as crianças se focavam muito nos aspetos exteriores do ser humano, quer fosse homem ou mulher. No entanto, apesar de não ter sido um tema explorado, as crianças já possuíam algumas noções de igualdade de género, sobretudo nas características físicas como podemos observar no diálogo abaixo:

Educadora estagiária: *Quais as diferenças entre os meninos e as meninas?*

Criança O.: *As meninas têm o cabelo comprido e usam brincos.*

Criança CK.: *Mas os meninos também podem ter cabelo comprido e usar brincos.*

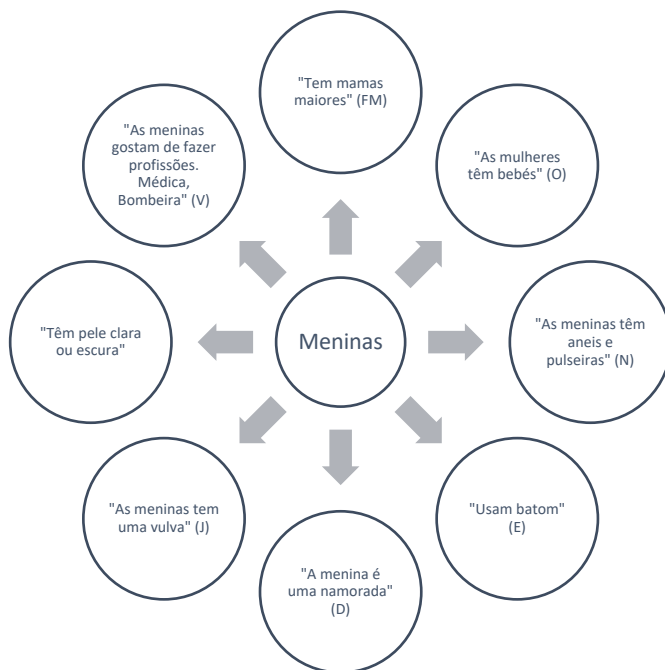
Educadora estagiária: *Sim é verdade. Os meninos e as meninas podem escolher o que mais gostam, ou seja podem usar cabelo comprido e usar brincos sempre que quiserem.*

Criança V.: *E agora os meninos também podem pintar as unhas como as meninas.*

Criança D.: *Quando eu for grande também quero pintar as unhas e usar cabelo comprido.*

Esquema 4

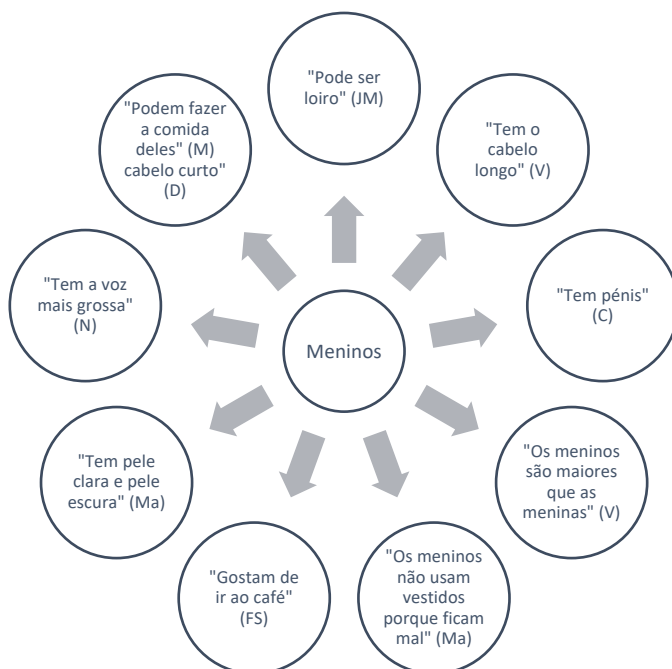
Conceções das crianças sobre as diferenças entre menino e meninas.



Nota: fonte própria

Esquema 5

Conceções das crianças sobre as diferenças entre menino e meninas.

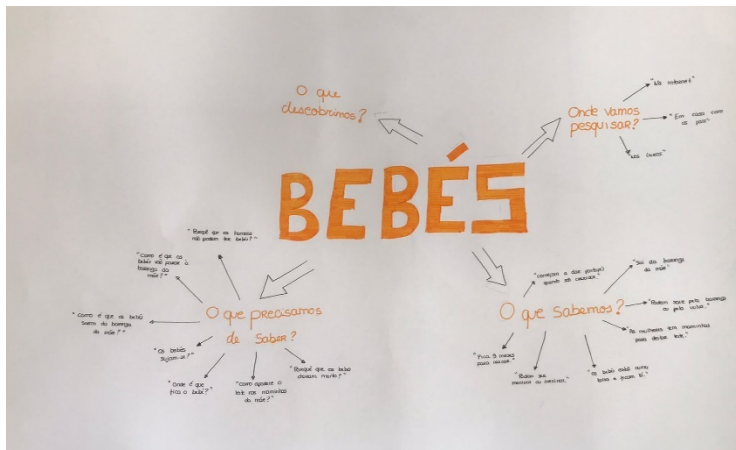


Nota: fonte própria

Relativamente à teia, optei por fazer grande grupo para que todos/as conseguissem observar o trabalho realizado. Durante este momento as crianças mantiveram-se sempre atentas e participativas. Neste momento poderia ter optado por não registar as informações e questões durante o diálogo, de modo a observar e a ouvir mais atentamente o que as crianças faziam e diziam.

Figura 11

Construção da teia em grande grupo



Quando desafiei as crianças a realizar o grafismo sobre “Como é que os bebés vão parar à barriga das mães”, pude constatar que as ideias da maioria se afastavam do conhecimento científico aceite sobre esta questão. Para algumas-crianças *os/as bebés eram colocados na barriga das mães pelos médicos* (Figura 13) ou *era Jesus que o colocava dentro da barriga da mãe* (Figura 12).

Figura 12

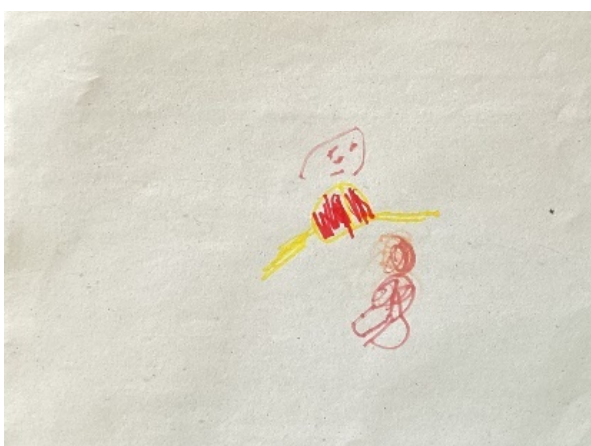
Conceção da criança CK



“Foi o jesus que pôs o bebé dentro da barriga da minha mãe” - CK

Figura 12

Conceção da criança O.



“Foi o médico que colocou o bebé dentro da barriga da mãe” - O

Importa destacar que apenas uma das crianças realizou o grafismo onde identificou o homem e a mulher, bem como os seus órgãos genitais (Figura 11). A criança em questão sentiu receio e vergonha em falar sobre o assunto perante os colegas. Por este motivo optei por conversar com ela sozinha, de modo a perceber quais as conceções dela sobre o tema. Foi evidente perceber que esta criança falava abertamente com a família sobre assuntos relacionados com a sexualidade e reprodução humana, como podemos verificar no diálogo estabelecido:

Professora estagiária: *Quem é que te explicou “Como é que os bebés vão parar à barriga das mães”?*

Criança V.: *Foi a minha mãe.*

Professora estagiária: *E o que é que ela te disse?*

Criança V.: *Ela disse-me que para os bebés irem para a barriga das mães, o pai tem de pôr o pénis dentro da vagina da mãe, e depois passa uma sementinha.*

Professora estagiária: *E como é que se chama essa tal sementinha?*

Criança V.: *Eu sei que ela me disse, mas eu já não me lembro.*

Professora estagiária: *A tua mãe e o teu pai costumam falar contigo sobre estas coisas?*

Criança V.: *Sim, eu pergunto e eles respondem.*

Figura 13

Conceção da criança V.



“O pai tem de por o pénis na vagina da mãe” - V

Após as pesquisas realizadas foi possível constatar que as ideias iniciais das crianças foram alteradas. Primeiramente a ideia inicial baseava-se na realização de uma ilustração, de modo a perceber se as concepções das crianças tinham sido alteradas. No entanto optei por realizar uma reflexão em grande grupo, uma vez que é fundamental a partilha de ideias e de opiniões entre todos/as, dado que é essencial que as crianças saibam ouvir e respeitar os/as outros/as. Posteriormente, questioneei individualmente cada criança, de modo a perceber se realmente as suas concepções tinham sido alteradas. (Apêndice 6) Considero que as conversas em grande grupo são vantajosas, contudo condicionam, muitas vezes, o pensamento e as opiniões individuais.

Relativamente às propostas “Como estarei lá dentro?” e “A evolução do bebé”, as crianças que as realizaram estiveram envolvidas em todo processo, desde a pesquisa à ilustração. Considero que nestas propostas as crianças mais velhas preferiam legendar as figuras ao invés de ilustrar, isto porque se sentiam mais capazes de o fazer, como podemos verificar no seguinte diálogo:

Criança CK: Professora, posso escrever os nomes no desenho?

Professora estagiária: Escreves só um, para dar oportunidade a todos de participarem.

Criança M.L.: *Eu também quero escrever o nome.*

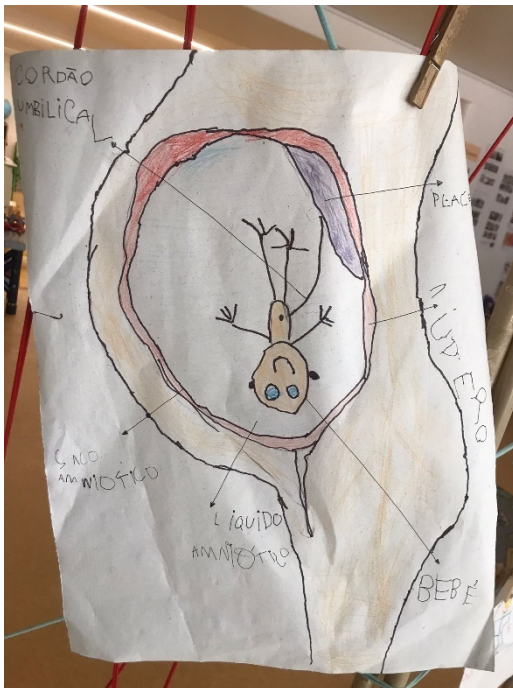
Criança CK.: *Mas ela não sabe escrever. Ela não consegue escrever o nome dela.*

Professora estagiária: *Não sabe escrever, mas nós podemos ajudá-la.*

Criança CK.: *Pronto, então eu posso escrever primeiro e depois M.L. copia.*

Figura 14

Resultado final da proposta “Como estarei lá dentro?”

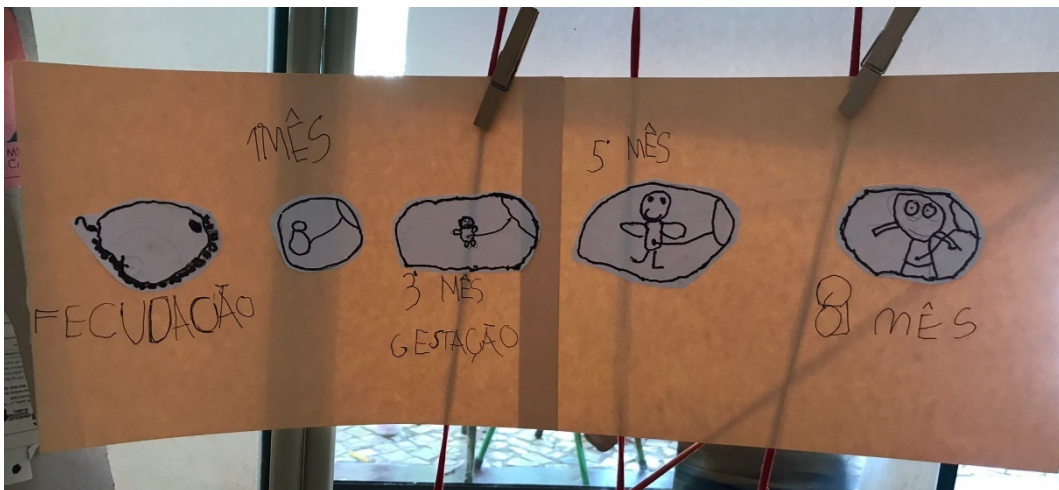


É evidente que nenhuma das crianças sabe escrever, contudo a CK. já tinha conhecimentos sobre a relação de fonema grafema o que facilitou a escrita das legendas de ambas as propostas. Para as crianças que não tinham este conhecimento, optei por

escrever, em letra de imprensa, a palavra e a criança transcrevia-a, de modo a sentir-se incluída no seu processo de aprendizagem. O mesmo se verificou na proposta “A evolução do bebé”, isto porque apesar de não terem noção do sentido de número, as crianças conseguem recitar uma sequência numérica. Como o grupo era heterogéneo foi essencial dar oportunidade às crianças, inclusive às mais novas, de participarem em todas as fases do projeto. Os resultados permitiram constatar o mesmo ter sido realizado por todas, apesar das distintas fases do desenvolvimento em que se encontravam.

Figura 15

Resultado final da proposta “A evolução do bebé”



Relativamente à visualização do vídeo “From fertilization to childbirth” o grupo manifestou curiosidade nas ilustrações, dado que o vídeo destaca os pormenores mais importantes do processo de fecundação, gravidez e gestação. Apesar de ter sido em inglês as crianças compreenderam a mensagem veiculada e souberam apresentar ao restante grupo, no momento de discussão, o que observaram e o que aprenderam. Durante este momento surgiu um aspeto que me fez refletir sobre as atitudes das famílias perante a internet e as suas consequências na vida das crianças e jovens. Através do diálogo

seguinte foi visível perceber que há pais e mães que se preocupam com o que os filhos e as filhas veem na internet:

Criança R.: *Tatiana o vídeo que nos vais mostrar é em brasileiro?*

Professora estagiária: *Não, porque é que estás a perguntar?*

Criança R.: *É que a minha mãe não me deixa ver vídeos em brasileiro e se o vídeo fosse em brasileiro eu tinha de me ir embora.*

Professora estagiária: *R. não te preocupes que o vídeo é em inglês. Quando o escolhi pensei exatamente nisso.*

Criança R.: *É que a minha mãe me diz que se eu vir vídeos em brasileiro depois começo a falar como eles e eu não quero.*

Professora estagiária: *Apesar de não saberem falar em inglês vocês percebem o vídeo.*

Criança R.: *Eu já percebo mais ou menos porque eu tenho aulas de inglês quando saio do Jardim de Infância.*

Relativamente à avaliação, inicialmente desafiei as crianças a realizarem uma ilustração com base no que aprenderam no decurso do projeto. Contudo, a maioria das crianças não manifestou vontade de o realizar. Neste sentido, optei por efetuar a avaliação final oralmente, registando todas as informações dadas individualmente. Acredito que o facto de existirem projetos em simultâneo dificultou a atenção e o envolvimento de algumas das crianças durante o projeto “Eu já fui assim?”. Importa salientar que o seu envolvimento foi manifestado de forma distinta, ou seja algumas participaram em todas as fases do projeto, enquanto outras participaram apenas em algumas das propostas – as que para elas faziam mais sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa bibliográfica apercebi-me que existe uma contradição nos documentos orientadores e na legislação portuguesa. Por um lado, a educação sexual apresenta relevância na educação de todas as crianças e jovens. Por outro lado, o Ministério da Educação apenas se compromete a implementar programas de educação sexual no ensino básico e secundário, excluindo por completo a educação Pré-Escolar. Além disso, as OCEPE também não contemplam a educação sexual como tema essencial a ser abordado. Contudo sublinham a relevância de abordar o tema enfatizando a promoção da educação para a sexualidade e afetos desde a primeira infância (Cunha, 2015).

Ao estagiar num Jardim de Infância onde o modelo pedagógico adotado é inspirado em metodologias socio-construtivistas, verifiquei que a abordagem da educação em sexualidade é inerente às rotinas diárias das crianças. Tendo em conta que é um tema delicado e pouco debatido foi essencial que a instituição, a educadora cooperante e as famílias me dessem abertura para abordar e realizar um projeto sobre a temática com as crianças do grupo em que estagiei. Considero que caso a instituição não tivesse esta abertura teria sido um desafio conseguir implementar este projeto ou outro, com tema igual ou semelhante. Apesar das instituições terem noção da importância de abordar explorara temas relacionados com quotidiano das crianças, nem sempre a equipa educativa (educadores/as e assistentes operacionais) está aberta e disponível para responder às questões e curiosidades das crianças. Por este motivo, é essencial que as equipas educativas das instituições de ensino invistam na sua formação, de modo a estarem preparadas para dar resposta às dúvidas das crianças, contribuindo, assim, para que as crianças com quem lidam possam aprender a ser responsáveis, reflexivas, resilientes e respeitadoras. Para colmatar esta falta de informação, principalmente nos/as educadores/as de infância, é essencial que as instituições de ensino incluam Unidades Curriculares que abordem, entre outras, questões de sexualidade e educação. Isto permite uma educação mais saudável consciente.

Este projeto foi pensado e refletido com o intuito de contribuir para a desconstrução de concepções em torno da sexualidade e reprodução humana. A maioria das famílias recorre a mitos para explicar às crianças “Como é que os bebés vão parar à barriga das mães?”,

por considerarem o tema bastante delicado e complexo para esta idade. Neste sentido, acredito que é muito importante a cooperação e colaboração entre a escola e as famílias, de modo a conseguirem responder, em conjunto, às dúvidas, questões e curiosidades das suas crianças. Deste modo, o/a educador/a assume um papel essencial na promoção de momentos em torno da educação em sexualidade, no entanto é necessário possuir um olhar atento, reflexivo e respeitador para com as crianças. Assim sendo, faz parte do seu papel apoiar, compreender e encorajar as crianças e as suas interações, compreendendo que ela “não aprende como, quando e porque o/a educador/a quer, mas quando ela “se abre” à aprendizagem” (Quitério, 2021, p. 141). Uma das características do papel do/a educador/a é encarar e aceitar as imprevisibilidades do espaço como oportunidades de aprendizagem, adotando, deste modo, uma postura flexível.

Termino este meu relatório com uma reflexão sobre o meu percurso enquanto educadora estagiária e promotora de uma educação de qualidade. É difícil educar as crianças de hoje. O mundo que as rodeia está repleto de conhecimento e informação que ao ser mal interpretado pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento pessoal e relacional. Torna-se difícil, mas necessário, controlar a informação recebida do exterior, de forma que as crianças estejam conscientes dos perigos que correm numa sociedade em mudança. É neste processo de incerteza que o papel dos/as educadores/as se torna tão essencial, na medida que estes/as não devem negar responder às questões e curiosidades das crianças, mas explicar-lhes como podem interpretar e refletir sobre essas mesmas questões e curiosidades da melhor maneira. Tal como Ferreira (2017) afirma, “O trabalho de aprender não é fácil, contudo, ensinar à luz do que vejo hoje, é extremamente difícil.” (p. 45). O meu percurso enquanto educadora/professora estagiária nem sempre foi fácil. Por vezes a vontade de desistir era grande, contudo a vontade de conseguir concretizar aquilo a que me propus desde o início sobrepunha-se a tudo.

Nesta reflexão não posso deixar de destacar o impacto que as instituições e os/as educadores/as cooperantes apresentam no nosso percurso académico. Durante o tempo de estágio são-nos solicitadas inúmeras observações, propostas e reflexões para nos prepararmos para a prática futura. No entanto é fundamental que haja acompanhamento, apoio e abertura da instituição e dos/as educadores/as cooperantes para que possamos possibilitar às crianças uma educação de qualidade.

Relativamente ao projeto que realizei no estágio, para além de desafiante foi muito importante desenvolvê-lo sozinha, pois observei, aprendi e refleti sobre as melhores metodologias a usar com o grupo de crianças que nele participou. Durante este projeto auto desafiei-me, de modo a conseguir evoluir enquanto profissional de educação. Como futura educadora/professora percebi a importância de investirmos na nossa formação, de modo a proporcionar às crianças aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, A. (s.d.). *Porque é que é importante falar de educação sexual e contraceção?*. Escola Virtual. <https://www.escolavirtual.pt/Blogue/Artigos/porque-e-que-e-importante-falar-de-educacao-sexual-e-contracecao.htm>

Anastácio, Z. (2010). Educar para a sexualidade saudável: quem e que contributos?. In M. Gonçalves, *Sexualidade de Educação para a felicidade*. Aletheia-Associação Científica e Cultural (pp. 303-321). <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12205>

Associação Para o Planeamento da Família (s.d.). Educação Sexual. <https://apf.pt/informacao-tematica/educacao-sexual/>

Athayde S. (s.d.) A importância da leitura. *Lusíadas* <https://www.lusíadas.pt/blog/criancas/idade-escolar/importancia-leitura>

Barbosa, M., Moreira, S. & Ferreira, S. (2017). Desinfecção do cordão umbilical: revisão baseada na evidência. *Revista Portuguesa de medicina Geral e Familiar*, 33 (1), 41-47. <https://rpmgf.pt/ojs/index.php/rpmgf/article/download/12022/11319>

Bello, P., Dolto, C & Shiffmann, A. (1984). *Contracepção, Gravidez e Aborto*. Dom Quixote.

Belo, M. (2012). *Educação sexual em meio escolar: perspetivas dos professores* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6931/1/ulfpie040155_tm.pdf

Berge, A. (1973). *A Educação Sexual da Criança*. Moraes.

Carvalho, C. (2008). *Guia de educação da sexualidade*. Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Canavarro, M. & Pereira, A. (2006). Gravidez e Maternidade na Adolescência: Perspectivas Teóricas. In M. Canavarro (2.ª Edição), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 325). Quarteto Editora.

- Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (2001). *Sexualidade, Planeamento Familiar e Reprodução*. (6.ª edição). Direção-geral da Saúde.
- Cortêsão, I., Silva M. & Torres M. (2005). *Educação para uma Sexualidade Humanizada - Guia para Professores e Pais* (2.ª Edição). Edições Afrontamento.
- Cunha, M. (2015). *Olhares de pais e vivências de filhos: uma abordagem da educação sexual em contexto pré-escolar* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório Científico Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://repositorio.ipv.pt/handle/20.500.11960/1634>
- Ferreira, F. (2018). *Educação Sexual no Jardim de Infância: um projeto com crianças de 5 e 6 anos* [Dissertação de Mestrado, Politécnico de Coimbra]. Repositório Comum. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23895/1/FILIPA_FERREIRA.pdf
- Ferreira, V. (2023). *Educação para a sexualidade em idade pré-escolar: conceções de famílias e de educadoras/es de infância em relação ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças* [Tese de Doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/87365>
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C. & Vilar, D. (2009) *Educação Sexual na Escola: Guia para Professores, Formadores e Educadores*. Texto Editores. <https://apf.pt/wp-content/uploads/2023/09/educac3a7c3a3o-sexual-na-escola-guia-para-professores-formadores-e-educadores.pdf>
- Kahn-Nathan, J., Cohen, J., Tordjaman, G. e Verdoux, C. (2000). *Enciclopédia da vida sexual* (8.ª Edição). Editor ASA.
- Katz, L., Ruivo, J. B., Silva, M. I., & Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação; Departamento da Educação Básica; Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/qualidade_pprojecto.pdf
- Lei nº 60/2009 da Assembleia da República. (2009). Diário da República, nº 151 Série I. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/60-2009-494016>

- Marques, A. M., Vilar, D. & Forreta, F. (2002). *Os afetos e a sexualidade na educação pré escolar: Um guia para professores e formadores*. (1.ª edição). Texto Editora.
- Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro- Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F. & Sá, P. (2012). *A Complexidade do corpo humano: Guião didático para professores: 1º ciclo*. Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/explorando_complexidade_corpo_humano.pdf
- Mateus, M. (2011). Metodologia de trabalho de projecto: Nova relação entre os saberes escolares e os saberes sociais. *EDUSER: Revista de educação*, 3 (2), 6-16. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6582/1/76-276-1-PB.pdf>
- Matos, A. (1997). *Enciclopédia da Sexualidade* (vol. 1 – Sexualidade e reprodução). Oceano-Liarte.
- Mendes, I. (2002). *Ligação materno-fetal: contributo para o estudo de factos associados ao seu desenvolvimento*. Quarteto Editora.
- Moreira, C. (2014). Ciclo de vida. *Revista de Ciência Elementar*, 2 (4) 1-2. https://www.fc.up.pt/pessoas/jfgomes/pdf/vol_2_num_4_97_art_ciclosDeVida.pdf
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças - A urgência de brincar e ser ativo*. (1ª edição). Contraponto.
- Noh, N. & Bakar, K. (2023). Implementation of Sexuality Education in Preschool: Challenges and Obstacles. *International Journal of Academic Research in Progressive Education and Developed*, 12 (1), 855-870 <http://dx.doi.org/10.6007/IJARPED/v12-i1/15997>
- Paiva, J. & Paiva, J. (2002) *Sexualidade e afetos: Para pais, professores e educadores*. Plátano Editora https://www.joaopaiva.net/wp-content/uploads/2018/07/SEXUAL_AFETOS-paiva-nao-circular-privado.pdf

Parente, C., Cunha M.C., & Santos, L. (2017). A educação para a sexualidade e para os afetos: Realidade, vontade ou utopia no pré-escolar?. In T. Vilaça, C. Rossi, C. Ribeiro, & P. Ribeiro (Eds.), *Investigação na Formação e Práticas Docentes na Educação em Sexualidade: Contributos para a Igualdade de Género, Saúde e Sustentabilidade* (pp. 129 – 144). Centro de Investigação em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

Pereira, A. L. (2014). *O Trabalho de Projeto e aprendizagens em Educação Pré-Escolar*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti]. Repositório da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/1462>

Pereira, M. (2006). *Guia de educação sexual e prevenção do abuso*. (2.ª Edição). Pé da Pagina.

Piedade, M. (2014). *Representações sobre a gravidez: o que muda em cada trimestre* [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3670/1/21612.pdf>

Pinheiro, A., Catarino, G., Leite, L., Freitas, J. & Marques R. (2012). Pelo direito ao parto normal: Uma visão partilhada. Ordem dos Enfermeiros. https://www.ordemenfermeiros.pt/media/8905/livro_parto_normal.pdf

Portaria nº 196-A/2010 do Ministério da Saúde e da Educação. (2010). Diário da República: Série I, nº 69. Série I. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/196-a-2010-388625>

Quitério, A. (2021). Educação Pré-Escolar: os benefícios do contacto com a Natureza. *Cadernos de Educação de Infância*, 124, 137-148.

Sampaio, D., Baptista, M., Matos, M. & Silva, M. (2007). *Relatório Final - Grupo de trabalho de educação sexual*. Associação Para o Planeamento da Família. https://apf.pt/wp-content/uploads/2022/04/relatorio_final_gtes.pdf

- SNS. (2023). *Menstruação*. <https://www.sns24.gov.pt/tema/saude-da-mulher/menstruacao/>
- Spínola, A. (2019). *Aprender para ensinar: investigando sobre sexualidade e reprodução humana no 1º CEB e refletindo sobre as práticas educativas no 1º e 2º CEB* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/28065>
- Teixeira, F., Marques, F. (2012). Educação em sexualidade e os media. *Revista Elo*, (nº 19), 15-22. https://www.researchgate.net/publication/282851974_A_EDUCACAO_EM_SEXUALIDADE_E_OS_MEDIA_-_Revista_Elo_n_19_2012
- Vala, A. (2021). *Sexualidade e Reprodução humana: um estudo, a distância, com estudantes do 2º CEB* [Dissertação de Mestrado, Politécnico de Coimbra]. Repositório Comum. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/36922/1/ANA_VALA.pdf
- Vasconcelos, T. (2011). Trabalho de Projeto como "Pedagogia de Fronteira". *Da Investigação às Práticas*, 1 (3), 8-20. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/1683/1/Trabalho%20de%20Projeto%20como.pdf>
- Vasconcelos, T. (coord), Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M., Ramos, M., Ferreira, N., Melo, N., Rodrigues, P., Mil-Homens, P., Fernandes, S., & Alves, S. (2012). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência/Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/trabalho_por_projeto_r.pdf
- Veiga, L., Teixeira, F., Couceiro, F. (2001). *Menina ou menino – eis a questão* (Vol. I Livro do Aluno). Lisboa: Plátano Editora.

- Veiga, L., Teixeira, F., Couceiro, F. (2001a). *Menina ou menino – eis a questão* (Vol. II Livro do Professor). Lisboa: Plátano Editora
- Vieira, H. (2021). *A perspetiva dos pais sobre a educação sexual dos filhos Uma revisão sistemática da literatura* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/134913/2/483770.pdf>
- Vilar, D. (2008). Educação Sexual em Rede. *Associação para o Planeamento da família*, (4), 1-32. https://apf.pt/wp-content/uploads/2023/08/educacao_sexual_rede_n4-2008.pdf
- Wieder, S., & Greenspan, S. (2002). A base emocional da aprendizagem. In B. Spodek (org), *Manuel de investigação em educação de infância* (pp. 167-190). Fundação Calouste Gulbenkian.
- World Health Organization. (2020). *Sexual and Reproductive Health*. https://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/n/
- Yan, J., Wu, T., Zhang, J., Gao, Y., Wu, J. & Wang, S. (2023). Revolutionizing the female reproductive system research using microfluidic chip platform. *Journal of Nanobiotechnology*, 21 (490), 1-33 <https://doi.org/10.1186/s12951-023-02258-7>

Apêndices

Apêndice 1:

Organização da sala

Apêndice 1.1:

Ateliê



Apêndice 1.2:

Zona da “casinha” ou do “faz de conta”



Apêndice 1.3:

Zona de leitura



Apêndice 1.4:

Zona das construções e Zona de Acolhimento



Apêndice 1.5:

Zona dos jogos



Apêndice 2:

Sequência didática do projeto “Eu já fui assim?”

Sequência didática	
Sessão 1	Proposta: Conceções das crianças sobre os meninos e meninas
Sessão 2	Proposta: Elaboração da Teia do Projeto
Sessão 3	Proposta: Ilustração das conceções das crianças sobre como é que pensavam que os bebés iam parar à barriga das mães.
Sessão 4	Atividade de pesquisa: Apresentação das pesquisas trazidas de casa e exploração do livro “Dicionário por Imagens dos Pequenos – O nascimento” - Fleurus
Sessão 5	Proposta: “A Gravidez”
Sessão 6	Proposta: Exploração do vídeo “ https://www.youtube.com/watch?v=s-Xpa5UZAzs&pp=ygUSZmVjdW5kYXRpb24gaHVtYW5h ”
Sessão 7	Proposta: “A minha evolução”

Sessão 8	Proposta: Finalização da construção da teia
Sessão 8	Avaliação
Sessão 9	Divulgação

Apêndice 3:

Documentação pedagógica do projeto “Eu já fui assim?”

PROJETO "EU JÁ FUI ASSIM?"

O projeto desenrolou-se após a curiosidade de algumas crianças, uma vez que, uma delas estava à espera de um irmão e falava consistentemente sobre o assunto. Mencionavam também algumas das transformações que o corpo da mulher sofre durante o período de gestação.

O INÍCIO...
 Precisávamos descobrir algumas falas que usamos antes os nascimentos e acasos.

Fizemos a nossa teia para perceber o que já sabíamos e o que queríamos saber.

HORA DE PERSONALIZAR.
 Desenhamos que as mães tinham bebés, mas não sabíamos como é que iam parar à barriga da mãe. Por isso fizemos um desenho.

Como não sabíamos a resposta decidámos pedir ajuda aos nossos pais para fazer uma pesquisa.
 "Eu pedi ajuda à minha mãe" (R)

Fizemos a nossa teia para perceber o que já sabíamos e o que queríamos saber.

DESCOBRIMOS QUE...
 "É preciso a semente da mãe e a sementinha do pai para fazer o bebé" (C)
 "A sementinha do pai é o espermatozóide" (N)
 "A sementinha da mãe é o óvulo" (V)
 "O óvulo tem de estar em contacto com o espermatozóide para existir fecundação" (R)

"Abrem a barriga da mãe e metem lá o bebé" (D)
 "O Jesus faz magia e o bebé vai para a barriga da mãe" (C)
 "Tão de por a pílula dentro do pipi da mãe" (V)

PROJETO "EU JÁ FUI ASSIM?"

Queremos saber mais sobre onde fica o bebé. Então vimos algumas imagens na internet e fizemos um grande desenho. Fizemos também a sua legenda.

"Essa quase acabar de desenhá-lo bebé" (M)
 "O bebé come através do cordão umbilical" (J)
 "Eu quero escrever os nomes" (N e M)

MAS SERÁ QUE O BEBÉ É SEMPRE DO MESMO TAMBÉM?
 Fizemos um vídeo sobre a evolução do bebé na barriga da mãe. Aprendemos muitas coisas.

"O bebé está 9 meses dentro da barriga da mãe" (C)
 "O bebé faz xixi dentro da barriga da mãe" (E)
 "O bebé come através do cordão umbilical" (R)

Construímos então, um feto com a gestação do bebé.

"O bebé cresce dentro da barriga da mãe" - A.L.

COMO VAMOS MOSTRAR À NOSSA FAMÍLIA E QUE ALIARMOZ A FAZER?
 "Podemos fazer uma exposição" (M)
 "Podemos por fotografias" (L)
 "Fazemos um vídeo" (C)
 "Juntamos os desenhos, as fotografias e um vídeo" (N)

DIVULGAÇÃO
 Exposição das pesquisas e dos trabalhos.
 Vídeo do projeto.

A., A.N., A. L., C., Ch., D., E., F. M., F. S., G., J. M., J. L., M., M. L., O., R., V.

Apêndice 4:

QR Code do vídeo de divulgação do projeto



Apêndice 5:

Tabela de Avaliação individual

Nome	O que mais gostei?	O que menos gostei?	O que aprendi?
A.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Não me lembro.</i>
A. L.	<i>Gostei muito de aprender os bebés neste projeto.</i>	<i>Não gostei de falar sobre os bebés ao pé dos meus amigos.</i>	<i>Os bebés estão barriga das mães.</i>
A. N.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>O espermatozoide tem de estar em contacto com o óvulo. Depois juntam-se muitas células e formam o bebé.</i>
Ck.	<i>Gostei de saber coisas sobre os bebés.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Os bebés têm de ficar 9 meses na barriga. Os bebés usam o cordão umbilical para comer.</i>

C.	<i>De ver o livro sobre os bebés.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Os bebés quando são muito pequenos estão numa bolsa.</i>
D.	<i>Aprender que o bebé era uma sementinha.</i>	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Não me lembro.</i>
E.	<i>Gostei de tudo, mas o que mais gostei foi de escrever as palavras no desenho.</i>	<i>Estamos muito tempo a fazer as coisas.</i>	<i>Não sei.</i>
F. M.	<i>Gostei saber sobre os bebés.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Aprendi que os bebés comem pelo cordão umbilical.</i>
F. S.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Não me lembro.</i>
J. M.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>O espermatozoide vai ter com o óvulo.</i>
J.	<i>Gostei de desenhar o bebé dentro da barriga da mãe.</i>	<i>Nada.</i>	<i>O espermatozoide vai ter com o óvulo.</i>
L.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Não me lembro.</i>
M.	<i>Gostei de tudo sobre o projeto.</i>	<i>Nada.</i>	<i>Não me lembro.</i>
M. D.	<i>Aprender que o bebé era uma sementinha.</i>	<i>Não gosto que os bebés cresçam porque deixam de ser fofos.</i>	<i>Primeiro é uma pequena sementinha e depois vai crescendo até ser um bebé.</i>
M. L.	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Nada.</i>	<i>O bebé faz xixi na barriga da mãe. Quando o bebé sai da barriga da mãe vem com sangue.</i>
O.	<i>Gostei mais ver os bebés a nascer.</i>	<i>Gostei de fazer tudo.</i>	<i>Os bebés choram quando cortam o cordão umbilical.</i>

R.	<i>Gostei de desenhar o bebé dentro da barriga da mãe.</i>	<i>Não há nada que eu não goste.</i>	<i>Os bebés nascem a partir do óvulo e do espermatozoide. Com o vídeo os espermatozoides vão ter com o óvulo.</i>
V.	<i>Gostei de saber o que é que acontecia aos bebés quando eles nasciam.</i>	<i>Gostei de tudo.</i>	<i>Os bebés têm de ficar nove meses dentro da barriga. Os bebés quando nascem amarelos vão para a incubadora.</i>

Apêndice 6:

Conceções das crianças após a pesquisa.

E agora... Como é que os bebés vão para à barriga das mães?	
A.	<i>É preciso a mãe e o pai.</i>
A. L.	<i>É preciso a mãe e o pai.</i>
A. N.	<i>O pai mete a pilinha dentro do bibi da mãe e o espermatozoide vai ter com o óvulo.</i>
C.	<i>O homem mete o pénis dentro da vagina da mãe e só um espermatozoide vai entrar no óvulo. Depois forma-se o bebé durante mais ou menos nove meses.</i>
Cl.	<i>A mãe tem de gostar do pai.</i>
D.	<i>O espermatozoide do pai vai ter com o óvulo da mãe e forma o bebé.</i>
E.	<i>Não sei bem.</i>
F. M.	<i>É preciso a mãe e o pai.</i>
F. S.	<i>É preciso a mãe e o pai para fazer o bebé.</i>

J. M.	<i>É preciso o espermatozoide e o óvulo para o bebe crescer.</i>
J.	<i>Um espermatozoide sai do pénis do pai vai ter com o óvulo da mãe e forma-se o bebé.</i>
L.	<i>Não sei.</i>
M.	<i>É preciso o espermatozoide e o óvulo para o bebe crescer.</i>
M. G.	<i>Um espermatozoide pai vai ter com o óvulo da mãe e forma-se o bebé.</i>
M. L.	<i>É preciso a mãe e o pai.</i>
O.	<i>É preciso a mãe e o pai.</i>
R.	<i>O espermatozoide do pai vai ter com o óvulo da mãe e forma o bebé.</i>
V.	<i>O pai mete a pilinha dentro do bibi da mãe e sai o espermatozoide.</i>

